

A Ciência da Cruz em Edith Stein

The Science of the Cross in Edith Stein

Francisco Alves Pereira*

Recebido: 05/09/29

Aprovado: 07/10/20

Resumo

Neste artigo analisamos a Ciência da Cruz de Santa Teresa Benedita da Cruz, uma judia que se converteu ao cristianismo. Ela mostra que esta ciência é um itinerário espiritual percorrido por aqueles que abraçaram a cruz de Jesus Cristo. O caminho vivenciado pela carmelita é apresentado aos demais para proveito de quem decide trilhar a vivência espiritual a partir da mística da cruz. Para iniciar a *Ciência da Cruz*, Teresa exprime que é necessário fé e contemplação, ou seja, é a alma no reino do espírito e dos espíritos. Ela faz da cruz não simplesmente uma experiência, mas uma ciência, que deve ser vivida e estudada, essa compreensão é legada por Santa Teresa que não somente a estudou, mas a viveu, e tendo vivido, acentua duas portas para a verdadeira mística, o amor e o abandono em Deus.

Palavras-chave: Fé, ciência, caminho, cruz.

Abstract

In this article we analyze the Science of the Cross by Santa Teresa Benedita da Cruz, a Jewess who converted to Christianity. It shows that the science of the cross is a spiritual path taken by those who have embraced the cross of Jesus Christ. The Carmelite journey is presented to others for the benefit of those who decide to follow the path of spiritual experience based on the mystique of the cross. To initially follow this path of the Science of the Cross, Teresa expresses the need for faith and contemplation, that is, it is the soul in the realm of spirit and spirits. She makes the cross not simply an experience, but a science, which must be lived and studied. This understanding is bequeathed by St. Teresa, who not only studied the science of the cross, but lived it, and having lived it, accentuates two doors to true mysticism, love and abandonment.

Keywords: Faith, science, path, cross.

* Francisco Alves Pereira é graduando do 6º semestre do curso de Teologia do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP). Este texto foi elaborado a partir do seminário realizado na disciplina de Revelação, sob a responsabilidade Prof. Dr. Edevilson de Godoy.

Introdução

Como podemos comprovar, na história, sempre houveram pessoas ilustres que fizeram a diferença, através de suas ações marcaram a mesma e são lembradas pelas gerações seguintes. Uma dessas pessoas chama-se Edith Stein, nascida aos 12 de outubro de 1891, em Breslávia, na Polônia, foi a sétima filha desta família judia. Seu pai chegou a falecer quando Edith era ainda uma criança, com três anos, sua mãe, assume a responsabilidade familiar. Ela, ao crescer, trilhou o caminho de busca da verdade, tornando-se filósofa. Fazia parte de grupo de estudos fenomenológicos de Husserl, deste mesmo grupo, participava Dietrich von Hildebran e Max Scheler.

Após trabalhar na Cruz Vermelha, ajudando os feridos da Primeira Guerra Mundial, foi convidada por Husserl para ser sua ajudante no ano de 1916 em Friburgo. Se desligou da religião em busca da verdade, seu único anseio. Tendo os estudos de filosofia questionado a vivência de Edith e vivendo o contexto pós-guerra, encontra-se com a autobiografia de Santa Teresa de Ávila, ao lê-la, traça seu caminho de conversão ao catolicismo. Foi batizada no dia 1º de janeiro de 1922. Mesmo com a desaprovação de sua mãe, para se tornar cristã, tornou-se e, após dez anos de seu batismo, entra para o Carmelo alemão de Colônia, onde passa a ser chamada de Teresa Benedita da Cruz.

Após aproximadamente 4 anos, em 1938 por motivos de proteção contra o nazismo, foi transferida para o Carmelo de Echt, na Holanda. Contudo, o bispado holandês sucumbiu às investidas do nazismo. Irmã Teresa Benedita da Cruz juntamente com sua irmã Rosa, foram presas na primeira quinzena de agosto em 1942 e levadas para o campo de concentração, certamente em Auschwitz, mortas na câmara de gás. Em 1998, foi canonizada pelo Papa João Paulo II, que a chamou de “Ilustre Filha de Israel”, sendo sua data litúrgica celebrada no dia 9 de agosto. O presente artigo visa apresentar um esboço da compreensão da Ciência da Cruz de Santa Teresa Benedita da Cruz. Para isto, analisaremos de maneira panorâmica como Benedita apresenta o percurso desta ciência espiritual, apresentaremos como uma judia convertida ao cristianismo abraçou a cruz como vivência na Ordem Carmelitana e fez dela sua única busca de ascese.

1. A ciência da cruz a partir do carisma

Nossa “ilustre filha de Israel” escreveu sua última obra intitulada *A Ciência da*

Cruz, é sobre ela que versamos agora. Santa Benedita faz um percurso espiritual a partir da cruz, de onde deriva toda sua intimidade com Deus, o madeiro se torna sinal daquele sofrimento que estaria por enfrentar, a saber, as duras penas sofridas sobre os golpes do nazismo. A *ciência da cruz* de Teresa é uma tentativa de compreender o reformador do ramo masculino do Carmelo, São João da Cruz.

Através dos estudos das obras de seu pai, formula a *Ciência da Cruz*. É um duplo sentido, de onde nasce uma teologia da cruz e o sentido dela na vida das pessoas que a abraçam, é a vida em conformidade com a cruz. Ela é, portanto, travestida de uma experiência pedagógica que leva a alma a mais profunda união com Deus. Este depoimento de Teresa, é de caráter pessoal, como lemos na obra, por não ser a Ordem que fala, mas a própria Teresa. Contudo, a carmelita lança luzes sobre a vida e a doutrina de São João da Cruz. Mesmo sendo a *Ciência da Cruz* de caráter pessoal, sua contribuição deve ser acolhida, pois reafirma com clareza a doutrina e as ideias carmelitanas sobre a mensagem da doutrina do madeiro.

Porém, não se trata simplesmente de uma biografia ou uma descrição doutrinária. Teresa faz um percurso espiritual de conhecimento a respeito do que rege a existência e a vida espiritual. É um caminho vivenciado pela carmelita e apresentado aos demais para proveito de quem decide trilhar o percurso da vivência espiritual a partir da mística da cruz. Para inicialmente trilhar a *Ciência da Cruz*, Teresa exprime que é necessário fé e contemplação, ou seja, é a “alma no reino do espírito e dos espíritos”.

Para Teresa, a cruz é a lei íntima, é a vocação suprema da sua vida. Ela é a árvore que não cessa de florir e produzir frutos exuberantes, como afirma Santo André de Creta:

“Se a vida não tivesse sido cravada, não brotariam do lado as fontes da imortalidade, o sangue e a água, que lavam o mundo. Não teria sido rasgado o documento do pecado, não teríamos sido declarados livres, não teríamos provado da árvore da vida, não se teria aberto o paraíso. Se não houvesse a cruz, a morte não teria sido vencida e não teria sido derrotado o inferno”. (LITURGIA DAS HORAS, 1999, 1270).

Ela faz da cruz não simplesmente uma experiência, mas uma ciência, que deve ser vivida e estudada. Essa compreensão é legada por Teresa que não somente estudou a *Ciência da cruz*, mas a viveu, e tendo vivido, acentua duas portas para a verdadeira mística, o amor e o abandono. Estas duas características são necessárias devido nós sermos seres condicionados pelos sentidos, sendo necessário relativizar as coisas do

mundo.

1.1 A ciência da cruz: uma vivência

A fé é o pressuposto inicial que prepara para receber a mensagem da cruz, pois ela é, e leva à perfeita união amorosa com Deus, é esta adesão que faz carregar a cruz. Portanto, não se trata aqui de uma ciência científica no sentido comum da palavra que entendemos, também tão somente uma teoria, e ainda tão somente um sistema de afirmações verdadeiras. Ela é uma ciência já aceita, uma teologia da cruz, é portanto uma verdade viva e real, é comparada a uma semente já lançada à terra, portanto, transparece nas atitudes e ações de quem a abraçou.

No entanto, por se achar a natureza humana decaída, segundo Teresa, não conseguimos entender as coisas no seu real valor, isto devido sermos marcados pela torpeza ou pela insensibilidade. Mas, quando realmente crê, tornam-se conteúdo da vida as verdades de fé, e estas verdades tornam-se obras maravilhosas, as outras coisas perdem sua importância ou também recebem a marca do conteúdo da vida em conformidade com a vida de fé. Teresa demonstra essa lógica citando o exemplo de vivência dos santos, a objetividade deles, onde suas almas buscam, já renascidas pelo Espírito Santo, somente a união com Deus e tudo que se aproxima delas será absorvido com muita sensibilidade, assim como expressa Santa Faustina em seu diário

“Senhor, encontro-me inundada pela Vossa graça, sinto que uma nova vida começa para mim. Mas sobretudo sinto Vosso amor em meu coração, e isso me basta. Senhor, glorificarei por toda a eternidade o poder da Vossa misericórdia. Animada pela Vossa bondade, eu Vos relatarei toda a dor do meu coração”. (KOWALSKA, 2013, 360).

Quando as almas estão imbuídas por esta energia, “toda linguagem é revelação do espírito na matéria, desvela ‘silêncios que teriam tomado corpo” (MENESES, 2014, 1164). Teresa explicita que ao aproximarem-se das verdades de fé, elas chegam portanto, à ciência dos santos. E o “mistério da cruz, ao tornar-se forma interior, converte-se em ciência da cruz”, sendo tão natural como a espontaneidade das crianças. A ciência portanto, necessita transformar-se em Cristo, a ponto de assumir como ele a cruz, e não somente assumir, mas também ser nela pregado como ele.

2. A ciência da cruz como vivência do projeto de vida

Teresa cita o apóstolo Paulo como aquele que já é possuidor de uma ciência da cruz, e de fato podemos encontrar em suas cartas um homem que a abraçou e viveu com todas as suas consequências, assumindo o preço que lhe ela lhe custou. A teologia da mesma, na vida dele, é fruto de uma experiência íntima com Deus, um encontro, uma adesão à verdade de fé que ele professou, sendo testemunhada por suas ações nos lugares onde ele passava. A força desta ciência redentora tem o poder de ressuscitar os que morreram para a vida em Deus: *“Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim”*, (Gl 2,20).

Esta força redentora, foi estabelecida ao Verbo na cruz, e, de acordo com Teresa, ela se estende a todos que O acolhem de coração aberto, sem a necessidade de exigir milagres e ou argumentos cognitivos de sabedoria humana. Nessas almas, o Crucificado torna-se justamente a força vitalizante e formadora que ela denomina *Ciência da Cruz*, na qual o apóstolo Paulo tornou-se mestre *“De fato, pela Lei morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Fui crucificado junto com Cristo”*, (Gl 2,19).

A lei passa a servir somente como indicador para Cristo, morto para ela, a alma somente deseja unir-se a Cristo por meio da cruz, é o que São Paulo afirma em Gálatas 6,14: *“Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo”*. E ainda diz Jesus a quem deseja segui-Lo: *“Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me”*, (Mt 16,24). A mística é assumir a cruz, vivê-la, ser pregado nela, pois segundo Teresa, *“a redenção atualiza-se a cada momento, a cada aceitação pronunciada livremente pelos entes criados, imagem semelhante do Criador, de maneira perene, de maneira atemporal”* (SANTANA, Luiz.2016, 110), este é o anseio da alma, precisamente, a ciência que Santa Benedita fala.

Na concepção de Santa Teresa, a missa é a renovação do sacrifício da cruz, e portanto, quem o celebra e também dele participa com uma fé viva, alcançará os mesmos efeitos que se produziram no calvário. Assim, a

Eucaristia é o sinal perene da presença de Jesus Cristo em meio a seu Povo. É a prova concreta de que a ação redentora de Jesus vem para proporcionar uma nova relação entre os seus discípulos de todos os tempos, pois não está mais fundamentada na consanguinidade, mas sim em uma realidade muito maior, algo que nos une em uma grande e única família, isto é, o *“Corpo e Sangue”* de Jesus doados para a redenção do mundo. (DAL BÓ, Pedro Paulo, Pe. 2008, 64).

A concepção de Santa Teresa é a mesma do padre Dal Bó, que, na missa dá-se

portanto, a atualização da experiência do calvário na cruz, o abandono extremo, e neste abandono dá-se a união com o crucificado. Vemos aqui que Teresa abraça o sofrimento, a oblação, a solidão do abandono como forma de união com Deus, a sua ciência parte do ser ativo e passivo, o que sofre e o que busca os meios para viver a ciência da redentora.

A alma não deve levar fardos que façam pender para baixo. Para isso, segue a lógica ativa e passiva da crucificação, assume o conteúdo da mensagem da cruz, “e no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado”, (Cf. Is 53,3-4). Deve-se então desprender-se dos pesos que levam para baixo, pois Deus criou as almas humanas para si, ele deseja uni-las a si, para dar-lhes a imensa plenitude e incalculável felicidade de sua própria vida divina.

Na ótica de Teresa, o caminho para se chegar até lá é estreito e íngreme, segue a lógica do evangelho de Mateus 7,14: “*Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho que conduz à vida*”. A maioria aqui para no meio da jornada, são poucos os que passam nas tentativas iniciais. Portanto, poucas são as almas que chegam ao destino final, ou seja, as que conseguem seguir a ciência da cruz. Para ela, os perigos da jornada se encontram no caminho, em nós mesmos, na própria natureza humana. São os desejos do ser humano que faz a alma parar. Em grego, se exprimi o que ela enfatiza, “*epithymia* se liga tão intimamente com a natureza do homem, [que] o cristão precisa constantemente ser atento e vigilante, para se conservar longe dela. Pode conquistá-la, se constantemente permitir que seja controlado pelo Espírito de Deus e viver ‘segundo a vontade de Deus’”. (1 Pe 4,2). (BROWN, C. – COENEN, L. 2002, 526).

Os perigos do mundo, entendido como o maligno, faz a alma parar a jornada, são as dificuldades, as distrações que se deixa ser levada por elas. Nesse sentido, Teresa cita duas noites, uma chamada de cósmica e outra de mística. A cósmica

não é objeto contraposto a nós, nem subsiste por si. Nem mesmo é imagem, no sentido de figura visível; é invisível e informe. Contudo, nós percebemos, ela está muito mais próxima de nós do que todas as outras coisas e figuras, e muito mais ligada à nossa existência do que se possa imaginar. (STEIN, Edith. 1999, 41).

Teresa mostra que a noite cósmica está tão perto de nós que não podemos imaginar, ela nos envolve, “o que nela submerge é como se não mais existisse, embora continue a existir” (Idem. p. 41), a alma sente-se intimidada pelo caráter da mesma. Ela faz experimentar a solidão, nos coloca frente a frente com nossos fantasmas, é como

experimentar a morte. As características da noite repercutem no mental e espiritual da alma. A cósmica traz também a calma, traz coisas que não havíamos notado antes, assim como na noite de luar, a cósmica, é portanto, vista no sentido poético.

A noite mística, não pode ser entendida como a cósmica, ela vem de dentro, vem do íntimo da alma, e somente passa por ela quem nela é envolvido na mística, “há, porém, uma *luz noturna* que abre no fundo da alma um mundo novo e ilumina com claridade interna o mundo exterior, revelando-o completamente” (STEIN, Edith, 1999, 43). Na mística está o eco da mensagem da cruz, é nela que a alma passa por duras provações, “... esta ditosa noite, embora produza trevas no espírito, só o faz para dar-lhe luz em todas as coisas. Se ela o humilha e torna miserável, é apenas com o fim de exaltá-lo e levantá-lo” (SANTO, João da Cruz. 2008, 109). Eis o canto/poema que a alma entoava:

1. Em uma noite escura,
De amor em vivas ânsias inflamada,
Oh, ditosa ventura!
Saí sem ser notada,
Já estando minha casa sossegada.
2. Na escuridão, segura,
Pela secreta escada, disfarçada,
Oh! Ditosa ventura!
Na escuridão, velada,
Já minha casa estando sossegada.
3. Em noite tão ditosa,
E num segredo em que ninguém me via,
Nem eu olhava coisa,
Sem outra luz nem guia
Além da que no coração me ardia.
4. Essa luz me guiava,
Com mais clareza que a do meio-dia
Aonde me esperava
Quem eu bem conhecia,
Em sítio onde ninguém aparecia.
5. Oh! Noite que me guiaste,
Oh! Noite mais amável que a alvorada!
Oh! Noite que juntaste
Amado com amada,
Amada já no Amado transformada!
6. Em meu peito florido
Que, inteiro, para ele só guardava,

Quedou-se ali adormecido,
E eu, terna, o regalava,
E dos cedros o leque o refrescava.

7. Da ameia a brisa amena,
Quando eu os seus cabelos afagava,
Com sua mão serena
Em meu colo soprava,
E meus sentidos todos transportava.
8. Esquecida, quedei-me,
O rosto reclinado sobre o Amado;
Tudo cessou. Deixei-me,
Largando o meu cuidado
Por entre as açucenas olvidado. (SANTO, João da Cruz. 2008, p. 22).

3. A vida vivida na ciência da cruz

A alma que entoou o cântico já foi libertada, “a alma foi feita ainda mais bela, revestiu-se de pureza. Mas, tem somente um desejo: viver na liberdade do amor para ser uma só coisa com Deus” (DI BERARDINO, Pedro Paulo. 1992, p. 151). A alma que entoou o cântico já atravessou a noite e chegou ao destino final, tendo-se unido ao Divino Esposo. Um hino é elevado a esta escuridão que se tornou caminho para a união perfeita com Deus. Assim, a noite expressa em linguagem metafórica o desapego que a alma tem que atravessar.

Ela luta contra os sentidos, a concupiscência. Pois o mundo oferece as coisas do dele, os desejos, que devem ser cortados pela raiz. A alma toma para si a cruz na forma ativa, significa entrar ativamente na noite escura. Para isso, precisa apaziguar, mortificar as 4 paixões naturais: prazer, esperança, temor e a dor. Ela já não busca o melhor das coisas temporais, mas o pior.

Até mesmo na busca das virtudes a alma precisa estar atenta, pois ao querer com todo empenho praticar as virtudes, acaba transferindo os sete pecados capitais para ela. Neste estágio, a alma está com sua avidez purificada, ela não sente prazer nas criaturas; a alma se lembra continuamente de Deus, o seu desejo é servir a Ele. O espírito se fortifica, enquanto os sentidos, por falta de prazer, sentem-se fracos e sem energia.

Portanto, a morte carnal se dá antes da vida nova, e a alma que ainda vive no mundo, já experimenta as delícias do céu. Não almeja mais o que é terreno, está totalmente voltada para as alturas, para a união cada vez mais com Deus.

Assim, a *ciência da cruz* torna-se uma vivência de união, não uma simples experiência, mas uma comprovação que como tal, deve ser vivida e estudada. É uma identificação com a cruz de Jesus. A *ciência* de Santa Benedita se torna de fato necessária, justamente para podermos vencer o medo, a dor, para não sucumbirmos sob o peso do sofrimento. E para lembrar do objeto que é sinal de redenção, Teresa sempre carregava consigo uma cruz debaixo do hábito, que servia de manifestação externa, sinal do que devia carregar internamente.

Considerações finais

De acordo com Santa Teresa Benedita, a *Ciência da Cruz*, a qual nos debruçamos neste artigo, não é um conjunto de teorias que comprovem um fato para a vida de fé ou para a religião, ou ainda um método. A *Ciência* dela é um abraçar a cruz, é fazer dela uma vivência, suportando com benignidade as provas que aparecem pelo caminho.

A alma que abraçou o patíbulo, onde acontecesse a redenção do ser humano, abraça também o sofrimento que vem com ele, não por amor ao sofrimento, mas porque a alma está unida a Deus, isto faz com que ela progrida no caminho espiritual. A *Ciência* de Santa Benedita é a vivência, é a resignação em meio ao que acontece à alma no percurso espiritual de toda uma vida. Assim, ao abordar este assunto, pretendeu-se mostrar a compreensão panorâmica de tal *Ciência*. Almejou-se ajudar o leitor a ter de maneira breve uma concepção da mística da judia convertida ao cristianismo.

Que a *Ciência da Cruz* de Santa Benedita seja vivenciada por nós, e que seu exemplo nos motive a viver e a carregar a cruz, como cristãos espirituais na pós-modernidade, nesta época de barulhos onde se faz necessário cultivar em nosso interior as verdades de nossa fé, para que já possamos ir experimentando a vivência do reino de Deus como pessoas espirituais místicas que se auto resigna em meio às dificuldades próprias da nossa vida.

Referências Bibliográficas

BROWN, C. – COENEN, L. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. ed., 1 volume, São Paulo: Vida Nova, 2002.

DI BERARDINO, Pedro Paulo. *São João da Cruz, Doutor do “Tudo ou nada”*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 151.

DAL BÓ, Pedro Paulo, Pe. *Para a missão do Redentor: um caminho de formação integral*. 1 ed. Goiânia: Escala Editora, 2018, p. 64.

Liturgia das Horas, *Festa da Exaltação da Santa Cruz*. Editora Vozes, Paulinas, Paulus, Ave-Maria, Rio de Janeiro 1999, p. 1270.

SANTO, João da Cruz. *Noite escura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 22.

SANTANA, Luiz. *Edith Stein: a construção do ser pessoa humana*. São Paulo: Ideias e Letras, 2016, p. 110. (Série Pensamento Dinâmico).

STEIN, Edith. *A ciência da cruz*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 41.